

Alguma vez a Stasi vos bateu à porta?

No ano passado, no último dia do Festival, o público votou na sua criação favorita para que regressasse em 2023 como Espectáculo de Honra.

Foi escolhida a peça *Eu sou a minha própria mulher*, de Doug Wright, na encenação que Carlos Avilez dirigiu para o Teatro Experimental de Cascais. A interpretação de Marco D'Almeida neste espectáculo valeu-lhe no ano passado uma nomeação para o Globo de Ouro na categoria de Melhor Actor.

O masculino e o feminino podem ser a mesma coisa. Prova disso é Lothar Berfelde, que nasceu em 1928 em Berlim, onde morreu em 2002. No entanto, as elegias fúnebres substituíram o nome com que tinha sido baptizada por aquele pelo qual era conhecida há várias décadas: Charlotte von Mahlsdorf. Nesta peça fala-se sobre esta extraordinária pessoa, tão complexa quanto autoexplicativa — tal como a personagem que tenta retratar

—, procurando responder, sem sucesso, à pergunta mais profunda que podemos fazer a nós próprios: quem sou eu?

Sozinha em cena, esta personagem real desdobra-se nas pessoas que atravessaram a sua vida: vedetas de televisão, familiares e até o próprio autor da peça. Graças a esta *nuance*, é a própria perspectiva daquilo que ouvimos em palco que se altera, ao darmos-nos conta de que no discurso de Charlotte a verdade e a fantasia se misturam, confrontando-nos com a problemática da legitimidade de julgar moralmente alguém que viva sob um regime totalitário.

A sessão deste espectáculo agendada para a passada Sexta-feira foi anulada, por motivos de saúde do protagonista. Foi agendada uma nova sessão para Quarta-feira, dia 12, às 19h00. Os assinantes com bilhetes para a sessão de dia 7 não necessitam de trocar as suas entradas para a nova sessão.



© Ricardo Rodrigues

Os corpos encenados de Noé Sendas

Até ao final do Festival, pode ser vista na galeria do TMJB a exposição de Noé Sendas *Vol. 1: Staged Bodies*. Para além da fotografia que deu origem ao cartaz deste ano, baseada no trabalho de um fotógrafo italiano do séc. XX, encontramos uma série de trabalhos feitos a partir de negativos de algumas fotos de Silva Nogueira. O trabalho de Noé Sendas pretende sempre interpelar-nos e desafiar-nos a uma nova interpretação. Esse jogo é aqui levado ao extremo na série *Peeps*, um desafio *voyeurista* na parede frontal da galeria.



© Rui Carlos Mateus

Ainda há bilhetes!

Para quem já não foi a tempo de adquirir a desejada Assinatura para todos os espectáculos, ainda é possível adquirir bilhetes avulso para os seguintes espectáculos: *Eu sou a minha própria mulher*, dia 12, às 19h; *Minuit*, dia 13, às 21h30, e dia 14, às 19h; *A equipa*, sessão de dia 15, às 21h30; *La enciclopédia del dolor. Tomo I: esto que no salga de aqui*, para as três sessões, dias 15, 16, e 17; *Calvário*, dia 15, às 21h30; e *La vida es sueño*, dia 18, às 19h.

Uma teia de afectos

“A minha presença aqui no Festival tem sido extraordinária. Sinto que o público está sintonizado logo desde o início. E quando chega a primeira gargalhada, percebo que a noite está ganha”, revela Hanane Hajj Ali, a intérprete e criadora de

Jogging, um dos *coup de foudre* do Festival deste ano. Sozinha em palco, Hanane aborda a figura de Medeia — o mito, e também algumas ‘Medeias contemporâneas’. O humor, para que consigamos sobreviver a tanta dor, tem a função de nos deixar respirar, diz-nos: “É uma forma prática de falar dos tabus ligados à mulher árabe. Todos eles ligados à religião, à política e à sexualidade”.

Pela estrada do Mundo há já cinco anos, em cada cidade onde faz o

seu *Jogging* Hanane recebe novos convites para actuar em lugares onde ainda não foi. Almada não foi excepção: “Ainda ontem, alguém que me veio ver convidou-me para ir à Croácia. E assim, sem necessidade de agente, vou estendendo este fio de Ariane, embora eu não esteja perdida. Vou construindo uma gigantesca teia de afectos.”

Amanhã Hanane Hajj Ali estará a conversar com o público, às 18 horas, na Esplanada, num encontro moderado por Stat Miller.



© Nora Noor

O FESTIVAL VISTO DE FORA

Eu quero a ânsia da onda O eterno rebentar da espuma

“Almada, novamente. Pela segunda vez. A primeira, em 2021, foi estranha. Com lotações reduzidas, sem teatro ao ar livre, e cadeiras vazias, de intervalo. Era a minha primeira vez em Portugal. Neste regresso descobro um Festival que é como sempre foi, com as senhoras a comerem cerejas enquanto os criadores conversam com o público na Esplanada. Com famílias inteiras a ouvir jazz enquanto jantam. Não sei se é melhor o que acontece dentro do teatro ou fora dele. Sinto que aqui todos são movidos por uma ânsia, uma vontade irreprimível de comunicar e de se ver. Tal como num poema de Mia Couto, que descobri na livraria Bertrand de Almada, *Ânsia*, e que diz: “Eu quero a ânsia da onda / o eterno rebentar da espuma”.

Ou como as personagens de *Aquilo que ouvíamos*, um exce-



© Patrícia Martins

lente trabalho de Joana Craveiro. Aquela vontade de não perder o passado, a juventude, de deixar aos filhos o que fomos. “Eu quero / ter outra vez / idades que nunca tive”, escreve Couto no seu poema. Ou como as personagens de *Suécia*, de que o público gostou tanto. Porque se deixaram transportar pela sua prosódia, por uma veemência, por uma vontade de debater e de serem ouvidos, mesmo sabendo que o resto do Mundo seguirá o seu rumo, ansioso ou não”.

Andreu Gomila, do diário catalão *Ara*

Indefectível

A Ministra-Adjunta e dos Assuntos Parlamentares, Ana Catarina Mendes, é presença assídua no Festival (não tanto quanto gostaria, afiança). Ontem satisfez a sua sede de teatro com sessão dupla: à tarde no Fórum Romeu Correia, e à noite no TMJB. Sempre acompanhada de quem, como ela, não abdica do teatro ao ar-livre, no Verão, a ministra também não dispensa a Esplanada, após as peças: haja ou não ‘nortada’, é das últimas a abandonar o posto.



Ana Catarina Mendes com Carlos Galvão

© Luana Santos

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | O sentido dos Mestres
Franco Laera
Casa da Cerca

18:00 | Colóquio
Hanane Hajj Ali
Escola D. António da Costa

20:00 | Música
Carapaça Live
Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro
Eu sou a minha própria mulher
Fórum Romeu Correia

21:30 | Teatro
Calvário
Teatro Municipal Joaquim Benite

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
Ervilhas com ovos escalfados
Bacalhau com natas
Salada de melancia e queijo feta

AMANHÃ
Fettuccini com vitela
Pescada com amêijoas
Guisado de favas com batata

APP FESTIVAL DE ALMADA



A Pateada

TEATROLOGIA

Num espectáculo de palco, a Pateada é a suprema manifestação de desagrado do público. No caso do Teatro serve para humilhar a produção, o texto da peça, o encenador e, por mais expostos, os actores maus, péssimos e que mais valia terem ficado em casa. A origem da Pateada remonta, como em quase tudo o que é de teatro, aos gregos antigos. No Festival de Dionísios (ou Grandes Dionísias) os dramaturgos competiam por prémios que eram atribuídos conforme a reacção ruidosa do público: gritos elogiosos para as boas peças, furiosos insultos para as más. O século XVIII vê fixar-se a ‘tradição’ do arremesso de comida podre para o palco (ovos, alfaces e os populares tomates). Certas pateadas acabavam em motins ou eram planeadas como boicote, fosse qual fosse a qualidade da produção. A Pateada de hoje é mais subtil. Entre os seus ‘truques’ está o voluntário ataque de tosse (que cessa no intervalo e é retomado no 2.º Acto), os assobios, o propositado ressonar ou o folhear barulhento do programa de sala. Com o tempo, o bater de pés no chão que dá origem ao nome Pateada passa por elogio, outra forma de aplauso ou pedidos de ‘só mais uma...’. Uma misturada capaz de confundir até os gregos antigos. // José Alves Mendes

